

Amor e trabalho: James Pinto Bull na literatura guineense

Ianes Augusto Cá¹

James Pinto Bull nasceu no dia 15 de junho de 1913 na Ilha de Bolama, então capital da denominada Guiné Portuguesa do regime colonial. Aos sete anos de idade, foi enviado para fazer o ensino primário e secundário em um seminário na França, portanto, ao termina, seguiu-se para Portugal onde ingressou no seminário Viana Castelo, estudou grego e latim. Estudou o Curso de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas pelo Instituto Superior Sociais e Política Ultramarinas de Lisboa, e momentos depois se ingressou no funcionalismo ultramarino, através do qual passou por diferentes carreiras político-administrativas. Foi deputado pelo círculo da Guiné de 1961 a 1970, passando por três legislaturas. Com uma visão política de ala Liberal, promoveu vários debates parlamentares e propostas de leis sobre o território e o povo da então Guiné Portuguesa. Por exemplo, forjou a discussão para alteração da Lei Orgânica do Ultramar Português, a qual flexibilizaria a integração dos povos nativos na política do Estado; atuou politicamente para que seja autorizada a emissão de um empréstimo externo para apoio ao ensino primário e a promoção do turismo ultramar; propôs o debate sobre as indústrias extrativas como forma de alavancar o comércio entre as “províncias da colônia” controladas por Portugal; e desencadeou debates sobre problema habitacional das classes economicamente débeis do ultramar.

Para constar, a sua nomeação as funções de Secretário Geral da Guiné e deputado representante na Assembleia Nacional de Lisboa colocou em descrédito todo o seu projeto em prol da emancipação do território guineense pela via pacífica, uma vez que fez tentativa de negociar a autonomia da Guiné com o então presidente de Portugal, Salazar. Ele foi acusado pelos adversários políticos como conivente ao regime, como revela em um discurso de Amílcar Cabral: “foram considerados traidores pelos seus compatriotas, visto que eram funcionários administrativos bem remunerados, a serviço do colonialismo português” (CABRAL apud OCUNI CÁ, 2011, p.222). Amílcar Cabral não escondia a sua insatisfação contra esse líder, pois em vários discursos retomava as acusações e foi mais contundente quando comentava a sua morte: “Célebre traidor africano James Pinto Bull, apesar dos nossos conselhos, acabou por morrer na triste condição vil servidor dos coloniais, de inimigo do nosso povo e da África” (CABRAL apud COUTO e EMBALO, 2010, p.85). Essa acusação

¹ Doutorando em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/IEL), bolsista Fapesp, processo n. 2021/01376-0; membro do grupo de pesquisa Kaliban – IEL/Unicamp: <ianesaugustoca@gmail.com>.

lhe obrigou a pedir demissão do cargo de Secretário Geral da Guiné, contudo, continuando a exercer o seu mandato de deputado em representação da Guiné em Lisboa.

A partir dessas acusações, a minha premissa é a de que o estigma da disputa do nacionalismo e da independência ainda apresentam a figuração anômala de Jaime Pinto Bull no mapa da Literatura Guineense. Essa ponderação se sustenta na maneira como se configurou os estudos literários guineenses, nos quais há uma zona opaca destinada o conto *Amor e Trabalho*, publicados no *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* (1952, nº25, p.181-187), pois até no preciso momento não identificamos nenhum registro de estudo desta obra. Alguns trabalhos destacaram, passageiramente, o *Amor e Trabalho* como o primeiro registro ficcional da Literatura Guineense:

“No período revolucionário surge a primeira obra em prosa de um nativo guineense chamado James Pinto Bull, autor do conto *Amor e Trabalho* publicado no *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* em 1952” (COUTO, 2011).

“Essa obra é considerada pelos literatos da Guiné-Bissau como marco inicial dos literatos genuinamente guineense” (MELO, 2018, p.150).

“No domínio da prosa ficcional, a produção literária na Guiné-Bissau ainda é bastante reduzida. Parece ter sido Jaime Pinto Bull o primeiro guineense a publicar um conto no país: *Amor e trabalho*” (AUGEL, 1998, p.319).

Talvez o silenciamento dessa obra leve-me a acreditar que aquele que inaugurou a ficção guineense é pouco conhecido por ter trilhado caminho oposto para independência da Guiné-Bissau, isto é, acusado de traidor conivente com o massacre dos irmãos, contra a luta armada no território da Guiné, ou por não integrar projeto político do partido que conquistou a independência (?). Partindo desse contexto, a proposta do trabalho é analisar o conto *Amor e trabalho* (1952), de James Pinto Bull, como primeiro exercício estético da escrita ficcional escrito por um guineense, a qual articula a representação da identidade cultural mediante a experiência literária. Assim, a análise da obra operou-se a partir da crítica literária à luz do narrador tradicional de Walter Benjamin (1996) – aquele que aprendeu com a sua comunidade, compreende a tradição através da vivência ou da memória compartilhada pela coletividade como experiência da linguagem, da história e da literatura. Compreende-se o narrador como aquele que se situa entre os mestres, capaz de vislumbrar e propiciar conselhos, “Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas a grande parte da experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer)” (BENJAMIN, 1987, p. 221). Segundo Benjamin, decorre uma relação entre narração e experiência enraizada na cultura popular, a qual é transmitida pela narrativa oral que passa a circular entre pessoas. Portanto, “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores.

E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, p.198). Nesse sentido, a narrativa se constitui como exercício prático de transmitir conhecimentos e inspirar (censurar ou influenciar) alguns comportamentos, pois “ O grande narrador tem sempre as suas raízes no povo” (BENJAMIN, 1987, p. 214).

Amor e Trabalho é um conto constituído por sete páginas, narrado na terceira pessoa, conta a história de Intchami (personagem principal) que se apaixonou por Race – “uma menina linda e escultural” – filha do velho Imbana e da velha Cumba, que viviam na morança de Bedane. A narrativa começa com a lembrança de Intchami aos bons momentos que o pai criava uma vaca no quintal da casa, mas teve que vendê-la para pagar imposto que era coletado junto ao Administrador local. A terrível lembrança de Intchami aconteceu porque naquele momento estava precisando de uma vitela para pagar fiança ao velho Imbana, pai de Race (o ambicioso que pediu uma vitela na impossibilidade de uma vaca, contrariando o costume da sua etnia que exigia duas cabras, pois acreditava que “a beleza da sua filha, muito desejada por todos na tabanca, bem a merecia” (BULL, 1952, p.182). Ele estava se organizando para poder conseguir uma vaca a fim de cumprir com a exigência do pai da amada, mas de repente recebeu a notícia de que a saúde da Cumba, mãe de Race, a única que lhe apoiava para casar com a sua filha, já estava debilitada pois não conseguia mais fazer nada, porém continuava sendo assistida por Djambakus sob a ordem do marido. Preocupado com a situação e da consequência que a morte da mãe da pretendente poderia lhe gerar, sugeriu ao pai de Race que levassem a esposa para o médico, mas essa sugestão não agradou o pai da menina pois “virou-lhe um olhar severo e penetrante, dizendo-lhe que não admitia em sua casa ordens de “blufos” (rapazes inda não circuncisos) e era bom que ele lembrasse que ainda não fazia parte da família, e que sem vaca não casaria com a Race” (BULL, 1952, p.182).

A notícia que Intchami queria adiar chegou rapidamente, “a velha Cumba exalava o último suspiro perante os gritos ensurdecedores dos parentes mais próximos” (Bull, 1952, p.182) – a sua morte anunciada. Rapidamente o esposo da malograda pediu para o velho Bedane (o ancião fundador da aldeia) desse a ordem aos responsáveis da comunicação (Tamba e Bechala) para que anunciasse a morte da esposa por meio de bumbulum – “instrumento feito de tronco de bicilão com comprimento variável, bojudos na parte central e escavados no sentido do seu comprimento” (Bull, 1952, p. 182). Enquanto os comunicadores batiam com força no bombolom, os sons emitidos propagavam o anúncio para a comunidade,

a multidão se despencava em direção a casa do velório, levando em mãos as suas oferendas de acordo com o grau de parentesco, de amizade e de aproximação da vítima, do esposo e da filha.

Passando algumas horas começou a ininterrupta chegada de parentes e amigos. O coveiro foi imediatamente chamado, porém, antes de começar a abrir a sepultura, imolou uma cabra para a indispensável cerimônia e, como é uso entre os balanta, foi escolher uma perna da primeira vaca abatida e um pano entre os muitos destinados a embrulhar o cadáver.

Entretanto, o corpo da velha Cumba era lavado e em seguida embrulhado nos panos que, em vida, havia comprado para esse fim e nos que os parentes haviam trazido como presente, sendo depois colocado num compartimento interior da palhota, onde só os parentes próximos velava.

Lá fora a multidão ia no entanto aumentando, bem como o gado, que já ultrapassava uma dezena de cabeças e que ia sendo abatido conforme chegava. (BULL, 1952, p.182).

Inchami cada vez se sentia mais comprometido, porquanto quase todos os parentes vinham ao “choro” (funeral) traziam uma cabeça de gado bovino ou suíno ou um garrafão de boa “sida” (aguardente). Reparou que até o pai de Cabi, outro pretendente da Race, trazia um lindo touro para presentear o Imbaná, a fim de ser abatido durante a cerimônia, e não deixou de aperceber que o velho Imbaná, apesar da dor que o torturava, havia ficado sensibilizado com a oferta e certamente teria pensado mais uma vez em não aceitar a candidatura do Intchami para seu genro, porque tanto ele como o pai não passavam de uns coitados (pelintras). ” (BUULL, 1952, p.182). Esse movimento agitava o pensamento de Intchami, por isso que ele queria que a morte da desejada futura sogra fosse adiada enquanto se preparava para esse dia. Sentiu-se mais pressionado quando a amada Race que tinha um amor muito grande por Intchami se aproximou calmamente perto dele e o perguntou: “já havia trazido qualquer presente para o Imbana”, meu pai? Essa indagação da Race aumentou o ritmo de batimento cardíaco do Intchami, “tendo ele respondido, meio atrapalhado, que o traria no dia imediato” ” (BULL, 1952, p.183). Nesse ínterim, não restava outro plano senão aquele último que guardava na sua mente – pedir ajuda dos amigos (Indafá, Sumba e Chami), os três blufos da idade dele, para acompanhar-lhe fazer roubo de um boi que ele pudesse presentear o pai da pretendente.

Chegados a um descampado, sentaram-se no chão e, de costas uns para os outros (posição habitualmente usada pelos balantas principalmente quando querem segredar qualquer coisa, pois assim podem divisar algum indiscreto que se aproxime de qualquer lado) e, certificado de que se não aproximava ninguém, o Intchami perguntou aos companheiros se estavam dispostos a acompanhá-lo nessa noite à tabanca de Suncar Mané, o conhecido ricaço de Tiligi, a fim de arrancar uma vaca para levar ao seu futuro sogro (BULL, 1952, p.184)

Assim, os jovens decidiram apoiar o grande amigo, porém sugeriram que roubassem duas a fim de vender uma para repartirem o dinheiro – todos concordaram. A esperança resplandeceu no rosto de Intchami, portanto, na calada da noite os quatro amigos decidiram fazer roubo no Tiligi na quinta de Suncar Mané, onde guardava os seus rebanhos. Despiram todas as suas roupas (ficaram nus) para evitar cilada, para que não sejam pegos pela rouba roupas caso fossem cercados pelo guarda e moradores da aldeia -, levaram consigo um temível facão e um ferro pontiagudo (para a sua defesa), e uma corda para amarrar os bois roubados. Guiados pela sorte momentânea, conseguiram executar os seus planos com facilidade, pois todo mundo estava dormindo na tabanca, inclusive o guarda responsável para cuidar dos bovinos.

No trajeto do regresso deram voltas e mais voltas para despistar os prováveis perseguidores, passaram a nado um pequeno riacho a despeito da existência de “lagarto” (crocodilos), dirigiram-se para a morança de um “blufo” conhecido e trocaram as duas vacas roubadas por dois touros, operação frequente entre os balantas para atrapalhar quaisquer averiguações para identificação do gado roubado (BULL, 1952, p.185)

Ansioso para chegar no lugar da cerimónia, depois da troca, o grupo seguiu-se os seus trajetos, e pelo caminho venderam um dos touros em troca de arroz, o mecanismo de compra e venda da época. Ao chegar nas suas tabancas, rapidamente Intchami tomou banho, matabichou (primeira refeição do dia) e vestiu seu melhor e lindo pano, e segurou na corda do seu lindo touro roubado em direção a casa do cerimonial para presentear o Imbaná. Com a cabeça erguida em tom de demonstrar a valentia e *mactchundadi* entrou com o boi na casa de Imbaná, todo mundo ficou surpreso olhando admirável a qualidade de boi que ele levava para presentear o futuro sobro -, de maneira ousada, o levou e amarrou junto aos outros bois que aguardavam abato. “Aproximou-se da palhota onde estava a Race, e em voz alta perguntou pelo futuro sogro, com quem falou, seguindo os dois juntos para apreciarem o touro oferecido, o qual foi pouco depois abatido e retalhado” (BULL, 1952, p.185) para os amigos e parentes que estavam assistindo à cerimónia. Intchami conseguiu conquistar o pai da Race por ter entregado o presente à altura da beleza da sua filha.

No dia seguinte, quando o velho Suncar Mané percebeu que estava dois dos seus rebanhos, começou a gritar com os seus rapazes e o guarda da quinta sobre o paradeiro de duas vacas, “e maldizia todo os balantas e os seus ascendentes que não deviam ter vindo a este mundo, porque assim não havia roubos de vacas” (BULL, 1952, p.185). Rapidamente, tentaram organizar o grupo para perseguir os ladrões, mas sem sucesso pois os quatro amigos ladrões haviam apagados todas as pistas que chegam até a eles, “porque o Intchami, esperto

como era, não atravessou o riacho em linha reta, mas sim com um grande desvio para a direita, indo apanhar terras a muitos metros a jusante” (BULL, 1952, p.185). O velho Suncar decidiu fazer queixa junto ao Chefe do Posto da área para que esse possa fazer investigação para achar os ladrões e puni-los, mas os tempos se passaram sem sucesso.

Naquela época houve chuva abundante, as plantações de arrozais apresentavam aspecto viçoso e todo mundo esperava por uma colheita boa para que pudessem festejar *Kusundé*, isto é, quando o ano da colheita foi bom: “os balantas organizam o *kuçundé* e deram largas à sua satisfação e ao consumo do arroz, que chegavam a cozinhar em tão grande quantidade que, depois de bem comidos, ainda se entretinham a fazer bolas para atirarem uns aos outros” (BULL, 1952, p.186). É uma grande festa que reúne pessoas de diferente faixa etária (homens, mulheres e crianças), os quais aproveitam para vestir os melhores panos guardados para ocasiões especiais como essa, enfeitando o corpo com lindo e os “os mais garridos lenços e contas multicolores, apresentando-se as ‘badjudas’ apenas com a característica ‘banda’ (tira de pano a esconder-lhes o sexo) e o corpo besuntado com óleo de purgueira e trazendo no pescoço, pulsos e pernas, fiadas de contas de variadíssimas cores” (BULL, 1952, p.186). Nessa festa, os não iniciados aproveitam ocasião para expor as suas valentias através dos cantares, em forma de disputa para demonstrar que é mais *matchu* que conseguiu travessar e superar grandes desafios da vida cotidiana – por exemplo, quem construiu a casa sozinho, a quantidade de plantação e colheita que conseguiu para família, a pesca de alto mar, derrotar um animal considerado perigoso, quem conseguiu fazer roubo nos lugares vigiados e mais difíceis, e entre outras coisas.

[...] É nessa festa que os “blufos” cantam as suas proezas e em disputas sucessivas, uma procura ofuscar as aventuras do seu antagonista, cantando proezas mais emocionantes.[...]

[...] E é ainda nestas festas que, com cantares dolentes, traduzindo algumas vezes canções de amor, os irrequietos e irresponsáveis “blufuos”, aproveitando a voluptuosidade do momento, procuram conquistar os corações, às vezes já comprometidos, das belas e esculturais ‘badjudas’” (BULL, 1952, p.186).

Foi nesse momento que Cabi, o rival de Intchami, pretendente da Rece que não se conformou com a derrota levado durante a cerimónia fúnebre, aproveitou para uma investida “dedicou algumas canções à Rece, cantando as suas aventuras e patenteando o eu grande amor por ela” (J.P.Bull, 1952, p.186). Inquieto com a situação, Intchami também decidiu encarar o desafio para que fosse tirado da namorada, portanto, “sentiu-se atingido e, num rasgo de improviso, dedicou uma trova à sua amada e contou as suas mais arriscadas proezas, entre as quais o roubo das vacas na tabanca de Suncar Mané, em condições muito arriscadas, e tudo por causa da sua dama” (J.P.Bull, 1952, p.186). Suplantado e tomado pelo ciúme e inveja da

coragem e grandiosidade apresentado por Intchami na estiga, como uma ofensa para ele, insatisfeito, o rival decidiu denunciar o opositor junto ao Chefe do Posto, e logo em seguida, quando mal chegou em casa, foi efetuada a voz de prisão por um temível e respeitado cipaio Malam, sendo conduzido para a Sede da Administração e submetido à lei para efeitos de correção. Ele passou meses na prisão para cumprir à pena, mas com a esperança de que um dia iria encontrar a sua amada ainda solteira – o desejo que foi abortado, pois “teve a grande decepção de a ver já casada com o Cabi, que, aproveitando a ausência do seu rival, soube valer-se da oportunidade para conquistar a simpatia de Rece” (BULL, 1952, p.187). Furioso com a situação, Intchami quase que perdesse a razão, mas pensou nas consequências para cometer um novo crime, decidiu controlar a sua emoção, arrumou “todos os seus haveres e pôs-se a caminho das ricas terras do Tombali, onde poderia arrotear férteis bolanhas e, só pelo seu trabalho, arranjar muitas mulheres tão lindas como Rece” (BULL, 1952, p.187).

Como podemos acompanhar ao longo da história, apesar da narrativa ser em terceira pessoa, há uma presença do “narrador cúmplice”, por meio da técnica do discurso indireto livre fortalecido pela aproximação de linguagem ao universo narrado (amor, roubo e fiança do casamento) e aos personagens focalizados (Intchami, Race e o pai (Inbana) e Cabi), a ponto de suas ações e pensamento se fundirem no discurso do narrador. Há um constante recurso de metalinguagem enquanto função que desnuda, expõe e coloca o código e a linguagem cultural em evidência, permitindo pensar *o amor e o trabalho* no corpo do próprio conto, isto é, a condição estabelecida pelo pai de Race para casar a filha e o amor que leva os Cabi e Imbana a disputarem a conquista de sua beleza. No conto, Percebe a preocupação de explicar os códigos linguísticos como tema da mensagem – através da tradução de palavras como – *bedokeçõne* (rapazitos), *blate* (calabaceira ou baoba), *çofu kidi* (segunda refeição do dia), *cabaço* (utensílio que serve de prato) *mbañe* (facão), Irã (feiticeiro), *djamba-côsse* (curandeiro), *aní* (mulher), *sane hame* (rapazes circuncidados), *blufos* (rapazes ainda não circuncidados) -, ou comentários através dos comentários dentro de parênteses como ou *bumbulum* ou *ebôboros* (instrumentos feitos de tronco de bicilão com comprimento variável, bojudos na parte central e escavados no sentido do seu comprimento). Esses elementos formais demonstram uma estratégia metalinguística do uso de código comunicativo para explicá-lo como forma de estabelecer comunicação com o leitor numa espécie de tradução cultural.

O texto obedece a norma padrão, mas acompanhada de palavras em língua balanta e guineense (crioulo), por meio de inserção de vocábulos locais como forma de penetrar no

universo simbólico desse povo, perceptível nas palavras acima listadas. Os elementos culturais foram articulados e comentados respeitosamente, como por exemplo, a questão do dote, o funeral e o casamento, claro com alguns vacilos, e o retrato de pessoas no ambiente de festa: “A tabanca em peso tomou parte na festa e tanto os homens como as mulheres e crianças vestiram os melhores panos e enfeitara-se com os mais garraios lenços e contas multicolores” (BULL, 1952, p.186b). A própria consideração da característica de Race como “linda e escultural” na narrativa e ilustração da imagem – uma menina sentada em cima do joelho com cabelo arrumado em forma de trança, com enfeites de vários cordões de colares na garganta, cobrindo a cintura e as nádegas com pano branco e de vestimenta tradicional, posturada, com cabeça um pouquinho inclinada e olhando levemente para o chão – demonstra essa preocupação e sem a presença do estereótipo na elaboração da imagem de uma menina negra no período colonial.

Na verdade, as gravuras ambientadas no texto ressignificam a imagem de pessoas negras inseridas no ambiente do trabalho – intencionalmente dialoga com o título do conto, amor e trabalho – talvez essa construção é estabelecida para desconstruir o estereótipo de que os autóctones não gostam de trabalhar. É possível perceber na imagem estampada no texto uma aldeia, na qual se agrupa as pessoas em trabalhos comunitários, principalmente as mulheres executando os seus trabalhos em dupla – oleiro da argila, colheita de arroz, transporte de água de poço para casa, preparação da comida -, e no fundo da imagem também é possível vislumbrar variadas plantações agrícolas. O elemento trabalho, portanto, cumpre um papel importante na narrativa e na imagem como forma de reforçar o argumento de que o *Amor e trabalho* edificam uma comunidade – a alegoria deste conto – que se constitui numa relação ingênua entre o narrador e o leitor orientada pelo interesse de descobrir vagarosamente a mensagem principal da narrativa.

No final da história, a trama do conto nos remonta a consideração de Walter Benjamin sobre a extensão real do reino narrativo - e o seu alcance cultural e histórico – no qual a sua forma latente nos revela uma dimensão utilitária. “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p.200). O pano de fundo da narrativa, isto é, para a materialidade da alegoria mobilizada, além da sua matriz de conteúdo identitário e entre outras coisas, revela-se o *senso prático* da narrativa de *Amor e trabalho* – o de dar conselho e o ensinamento sobre o valor do trabalho, e o senso de perda, enquanto virtude que acompanha a vida do ser humano. Se Imbana, o pai da

Race nos mostra ambicioso com a beleza da sua filha através da qual pretendia construir toda riqueza em troca da filha, Intchami também estava disposto a pagar qualquer preço para casar com Race, em contraste Cabi também se dispunha a rivalizar com Intchami para que no final conquistasse a Race. O afastamento de Intchami para se constituir uma nova vida Tombali com base no trabalho se configura numa espécie de conselho, o qual é “tecido na substância viva da existência” (BENJAMIN, 1987, p. 200) enquanto sabedoria – e o “lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1987, p. 201). A fuga ou o distanciamento é “uma imagem de experiência coletiva” (p. 201)., na qual o fracasso não “representa o escândalo nem um impedimento” (p. 201) para reconstituir a sua felicidade.

Argumento que o tema do trabalho é recorrente na literatura dos anos 40 e 50 nos Países Africanos de Língua Portuguesa, por exemplo, o conto moçambicano *Godinho* (1952), de João Dias, os angolanos: *A cidade e a infância* (1950), de Luandino Vieira, e *Rajada e outras histórias* (contos) (1943) e *Calengas* (1945) e *Samba* (1956) de Castro Soromenho, e também o conto Cabo-verdiano *Chiquinho* (1947), de Baltasar Lopes. Portanto, não seria diferente na Guiné-Bissau no caso do conto *Amor e trabalho* (1952). A diferença é que no conto de Pinto Bull o trabalho adquire um valor de moralidade, e ao mesmo tempo é dúbio a sua denúncia contra as espoliações do colonialismo como ocorre nos outros Palops - efeito claro da posição política de Pinto Bull – uma vez que ao longo do conto não é difícil perceber o estereótipo ou a sua denúncia. Se o protagonista se vale do roubo, pois o pai teve que dar como pagamento de imposto a sua única peça de gado, que poderia ser a fiança de seu casamento. O roubado denuncia no chefe do posto o rival do protagonista que se vale de sua suspeita e a denúncia ao mesmo posto, tendo como intermediário um cipaio (que nem sempre era um branco e sim uma pessoa da comunidade que atuava como juiz, às vezes, para o colonial, punindo os da terra). Intchami paga a pena de cadeia em meses de acordo com a lei do colonial e não com as leis da comunidade (que salvo erro, seriam outras, como ressarcir com trabalho na bolanha ou mesmo substituir por outro viveres, cabra, por exemplo).

Portanto, vista assim, a narrativa se configura em uma espécie de dialética em que o protagonista, ao tentar se enquadrar nas leis da comunidade (fanado, fiança, prenda do tchoro) é impedido pela lei colonial (cobrança de imposto e punição pela ousadia do roubo com cadeia). E estamos novamente com "as ideias fora do lugar" (SCHUWARTZ, 2014), isto é, as regras da comunidade são interditas e intermediadas pela lei colonial. O desfecho do conto: se o protagonista vai para outro espaço plantar por si e tentar outras esposas, está ao mesmo tempo se redimindo com a sua comunidade e também demonstrando que a lei colonial corrige

e surte efeito. Ou seja, houve uma mediação no desfecho entre os dois pontos de tensão. Os indícios da narrativa nos apontam que o autor tem uma postura política liberal (sim), mas também está atento aos efeitos do colonialismo nas comunidades locais, portanto, a dubiedade do conto mostra as tensões entre a comunidade local (balanta) e o processo colonial. Pondero que a criação do gado bovino para fins religiosos, para cerimônia fúnebre e casamento é muito comum, contudo, foi a falta de animais para esse fim que “acabou por lançar os adolescentes ao roubo do gado das tabancas vizinhas, dos mandingas. Essa prática gerava grandes conflitos” (FRANCO, 2009, p.27) entre balantas e mandingas quase impossível de atenuar.

Enfim, a aproximação e o estudo de James Pinto Bull transformado em um ensaio sobre a cultura balanta constituem substratos para construção da narrativa em *Amor e trabalho*. Considerando a fortuna crítica e a obra analisada o nosso argumento no momento é de que *Amor e trabalho* enquanto primeiro conto ficcional escrito por um guineense – apesar de ter sido silenciado na literatura desse país – se desdobra a uma subjetividade cultural e identitária, ao mesmo tempo forja a experiência política (neo)liberal de Jaime Pinto Bull, uma ideia contrária a luta armada pela independência adotado pelos independentistas. Ou, talvez a crítica literária engajada sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, especialmente a guineense, ofusca outras experiências literárias que não se constituem pela dialítica entre o colonizador e o colonizado, ou que não se constroem a partir da denúncia do sistema colonial, ao não se remontar a luta armada e as independências.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1998.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Lescov. In: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BULL, James Pinto. Amor e Trabalho. In: **Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa**. nº07/25, 1952. Pp. 183-187
- _____. Subsídios para o estudo da circuncisão entre os balantas. In: **Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa**. nº07/25, 1952. pp.947-953.
- CÁ, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). **ETD Educação Temática Digital**, v. 13, n. 01, p. 207-224, 2011
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 20, p. 11-253, 2011.
- DE MELO, Luís Carlos Alves. A poesia intimista-militante guineense: elos entre a literatura e o engajamento político. **Scriptorium**, v. 4, n. 2, p. 148-163, 2018.

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. **Amilcar Cabral:** a palavra falada e a palavra vivida. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar:** ensaios selecionados. Editora Companhia das Letras, 2014.